



Filipe Morato Gomes

Preparativos para uma volta ao mundo em família

Filipe Morato Gomes, autor de *Alma de Viajante*, prepara uma viagem de volta ao mundo em família. Entre os viajantes, encontra-se a sua filha de quatro anos. A Outras Coordenadas falou com o viajante para saber quais as diferenças e dificuldades que antevê por viajar com uma criança.

Texto: Nuno Abreu :: Fotos: Filipe Morato Gomes



*O Filipe ficou conhecido entre os portugueses com o projecto **Alma de Viajante**, que resultou de uma viagem de volta ao mundo. Os portugueses têm alma de viajante?*

É verdade. Essa volta ao mundo aconteceu em 2004/05, teve 14 meses de duração, e na altura não era fácil encontrar portugueses a viajar de forma independente por longos períodos de tempo. Felizmente, desde então as coisas têm mudado muito e sinto que, cada vez mais, os mais jovens já não olham para a vida centrados somente na sequência socialmente expectável de estudar, arranjar emprego, casar e ter filhos. E ainda bem. Quantos de nós não nos descobrimos verdadeiramente quando estamos em viagem, fora da nossa “zona de conforto”?

Em suma, acho os portugueses sempre tiveram alma de viajante, mas estamos agora, com algumas décadas de atraso, a “sair do armário”.

E o Filipe, como ganhou a paixão pelas viagens?

Tenho de recuar à minha infância, quando ia do Porto ao Algarve com os meus pais pela estrada nacional 1, num velho “carocha” branco. A viagem demorava uma eternidade, mas a recompensa eram aquelas praias “distantes” e quase desertas. Tempos em que ir ao Algarve era uma grande aventura. De resto, sempre acampeei; primeiro no Gerês, durante imensos anos, mais tarde em Espanha e no sul de França em viagens esporádicas – viagens em que o contacto com a Natureza e o imprevisto associado ao campismo me ajudaram a alargar horizontes.

Depois há o meu avô e suas histórias. Da sua boca ouvi falar de episódios mirabolantes na Austrália, na Amazônia brasileira, na linha transiberiana, na Mongólia, na China, em todo o mundo. Histórias contadas na primeira pessoa, sem vídeos ou fotografias, que me deixavam boquiaberto e com vontade de saber mais. Gosto de pensar que o bichinho das viagens sempre andou lá, sossegado. Até que um dia decidi não ter mais empregos “normais” e fui viajar, escrevendo crónicas semanais para a revista FUGAS do jornal Público. Foi aí que a vertente profissional começou a tomar forma. Olhando em retrospectiva, a decisão de mudar de vida e “dar uma volta ao mundo” foi uma das mais sábias decisões que tomei até hoje.



Em Janeiro do próximo ano vai começar uma volta ao mundo em família com a sua mulher e filha. O que é preciso alterar nas rotinas e destinos, levando uma criança de quatro anos como companhia?

Esse é o meu próximo grande projecto e, mais uma vez, será partilhado em crónicas na imprensa e online em www.pikitim.com. É um projecto muito ambicioso a todos os níveis: pessoal, familiar e profissional. É curioso que eu viajo quase sempre sozinho, e das vezes que experimentei viajar com companhia nunca houve aquela empatia que me fizesse achar que era melhor assim. A excepção é a minha mulher – por sorte, complementamo-nos na perfeição na estrada e, por isso, desta vez, viajar acompanhado será um prazer.

A grande diferença é, naturalmente, o facto de viajarmos também com uma criança. Basicamente, a grande alteração prende-se com o ritmo da viagem. Eu, por natureza, gosto de viajar devagar, porque só assim se pode viver os lugares, e não apenas vê-los. Mas





teremos de abrandar o ritmo ainda mais, porque o ritmo de uma criança é, em todos os aspectos, diferente do nosso. O cansaço aparece mais cedo, logo teremos de fazer menos coisas por dia; as crianças gostam de ter algumas rotinas, logo é preciso ficar mais tempo num lugar. As crianças são pouco pacientes, logo teremos de planear melhor os dias e evitar os tempos mortos.

O que muda na bagagem numa viagem em família em comparação com a sua volta ao mundo sozinho?

Muda pouco. Tudo tem de caber em duas mochilas, uma para cada adulto, por isso não há grande margem para excessos em termos de equipamento. Até porque já nos habituamos a viajar light. A preocupação adicional prende-se com questões de saúde (os pais são mais cautelosos com um filho do que com eles próprios), pelo que levaremos alguns medicamentos extra. E, claro, livros infantis, canetas de colorir e um monte de pequenas coisas que fazem falta para as brincadeiras de uma criança, seja durante as longas viagens de autocarro ou avião, seja no quotidiano em qualquer parte do mundo. Sim, porque é certo que passaremos tardes a brincar, desenhar ou contar histórias em vez de visitarmos as “atrações” da região.

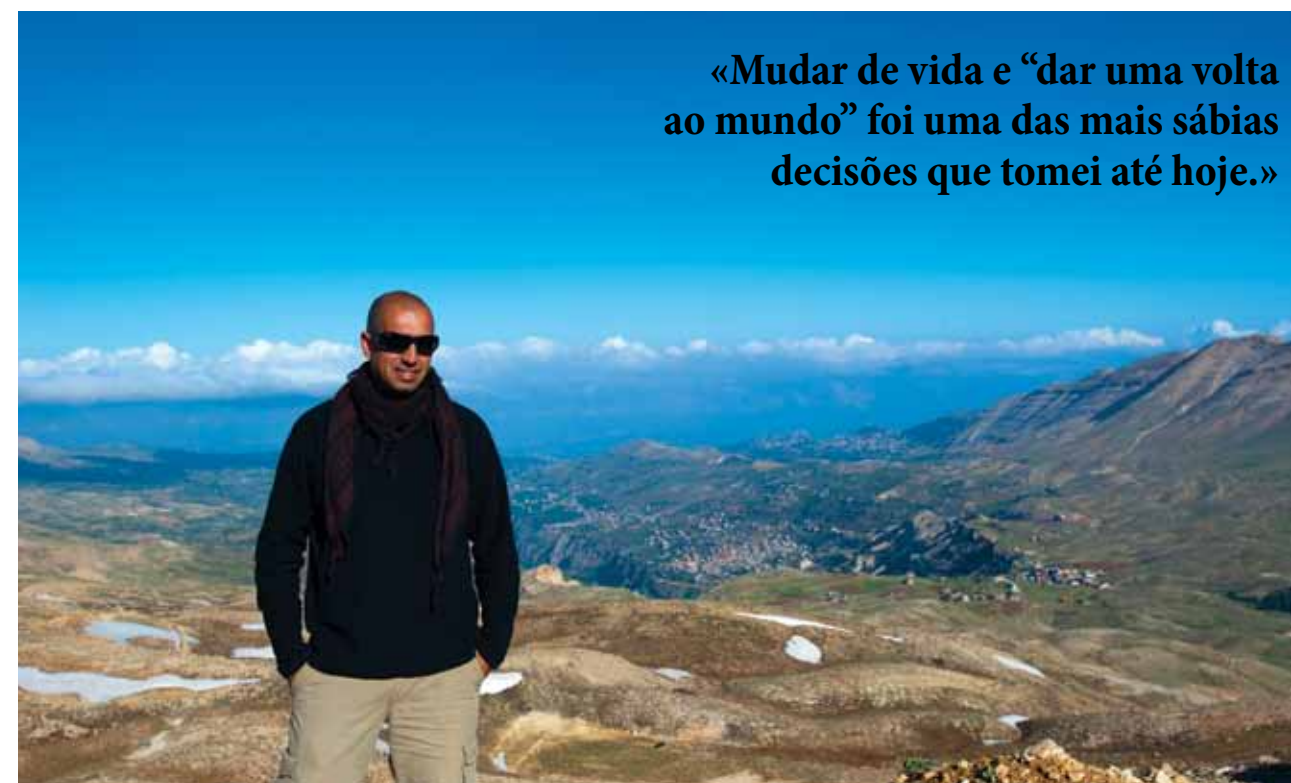
Voltam a tempo do início da vida escolar da Pikitim. Esta é, portanto, a altura ideal para uma viagem destas?

É exactamente por isso que partimos nesta altura, para ela chegar a tempo de iniciar o primeiro ciclo. Conhecemos muita gente, de outros países, que viaja com filhos adolescentes por longos períodos de tempo, mas não nos sentimos preparados para assumir a responsabilidade pelo ensino da nossa filha. Por isso, o momento é agora.

Mas até na vertente educativa esta viagem vai ser positiva. A Pikitim já anda num jardim-escola e vai interagir com os colegas e educadora à distância. Os responsáveis da escola ficaram, aliás, super-entusiasmados com a oportunidade da escola seguir uma aventura deste género: para além de nos manterem a par dos conteúdos e enviarem exercícios para a Pikitim fazer onde quer que estejamos, a própria escola vai aproveitar para beneficiar com a viagem (por exemplo, se o tema do mês forem os mamíferos, a Pikitim participará mostrando animais diferentes, da zona onde se encontrar, contribuindo para trazer diversidade aos colegas). Além disso, vão colocar um planisfério no átrio onde marcarão localização da Pikitim, que enviará fotos, postais ou desenhos de onde estiver para partilhar com os colegas e falarem de geografia; vamos fazer ligações Skype para Pikitim e amigos conversarem e não perderem a ligação mútua. Enfim, gente inexcedível cuja preocupação é que a Pikitim, quando regressar, não se sinta uma estranha entre os seus próprios amigos.

O Filipe escreve no seu site que “há quem esteja sinceramente convicto da impraticabilidade de viajar com crianças de tenra idade”. Acha que esta viagem poderá ser um desafio para a mentalidade das pessoas?

Não. É verdade que há muita gente céptica e receosa no que toca a viajar com crianças, mas eu acho que, no fundo, as pessoas sabem que é possível. Precisam apenas de ver alguém fazê-lo para, mentalmente, as coisas passarem do plano hipotético para o plano palpável, real.



«Mudar de vida e “dar uma volta ao mundo” foi uma das mais sábias decisões que tomei até hoje.»

Em que medida pensa que esta experiência poderá mudar a vida da Pikitim? E a vossa?

Seguramente que muitas experiências servirão de ensinamento para toda a vida. A Pikitim vai alargar horizontes e regressar com vivências únicas na alma e no corpo. Vai conviver com miúdos diferentes, de raças diferentes, falando outros idiomas, em ambientes sociais díspares. Além disso, como família, vamos viver momentos irrepetíveis juntos, ultrapassar as dificuldades juntos, 24 horas por dia. Tudo somado, só pode ser positivo para todos. No fundo, acreditamos sinceramente que esta viagem dará à pequena Pikitim preciosas ferramentas para o seu crescimento, sementes a partir da qual germinará uma cidadã tolerante, solidária, responsável, perspicaz. Queremos, como quaisquer progenitores, o melhor para a nossa filha – e este é o nosso caminho para lá chegar.

Ao iniciarem a vossa filha no mundo dos viajantes tão nova, até porque esta não é a primeira viagem que faz, o mais provável será ela um dia pegar na mochila e ir viajar sozinha. Como pai, com que idade acha que os jovens devem começar a partir à aventura?

Uma amiga disse-nos, em tom de brincadeira, que íamos “criar um monstro” que nunca mais parará em casa. A ver vamos. Acho que as crianças podem e devem viajar com os pais em qualquer idade; acho que os jovens podem e devem viajar sem os pais desde o momento em que se sintam confiantes para o fazer.

Voltando ao início da nossa conversa, sobre a alma de viajante dos portugueses, sente que experiências como a vossa poderão servir de inspiração e levar mais pessoas a viajar?

É natural que sim, as pessoas inspiram-se no conforto mental

de saber que outros já fizeram. As pessoas motivam-se ao ler experiências de quem já fez. Não por acaso, um dos primeiros posts do Diário da Pikitim (www.pikitim.com) foi uma compilação de 15 blogues que nos inspiraram no planeamento desta viagem. Se, no futuro, a nossa própria experiência servir de inspiração para outros pais-viajantes, óptimo. No fundo, a nossa missão é descomplicar; mostrar que viajar com crianças é mais fácil do que parece.

Para preparar a viagem, provavelmente tentaram procurar experiências semelhantes. É comum haver pessoas a viajar em família e com crianças tão novas?

Nas minhas viagens já encontrei muita gente a viajar com miúdos pequenos, embora portugueses sejam uma raridade. Os 15 blogues referidos são outros exemplos. Ainda assim, é raro quem partilhe o mundo visto pelos olhos de uma criança em português. E essa é uma das razões porque, além da experiência pessoal e familiar, esta volta ao mundo será, profissionalmente, muito enriquecedora. Porque não há (praticamente) nada escrito em português, na primeira pessoa, sobre viajar com crianças. Nesse aspecto, sinto que estamos a desbravar caminho.

O turismo sustentável é uma preocupação do vosso projecto. Acha que o turismo, por norma, é demasiado intrusivo?

Não se pode generalizar. Há muitos maus exemplos por esse mundo fora, mas há outros tantos onde os benefícios nas populações locais ultrapassam os aspectos negativos. Basicamente, o rumo do turismo num determinado local depende mais da atitude das autoridades e habitantes locais do que dos visitantes. Não foram os ingleses que destruíram boa parte do Algarve, fomos nós.